

## **Relato de Experiência**

### **Instituição de longos vínculos para velhos: A perspectiva pelo olhar de dentro**

"nunca eu teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro. nunca teria percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta. não era nada esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas."

*A Máquina de Fazer Espanhóis, Valter Hugo Mãe*

*Thaís Teixeira Carvalho*

## **Introdução**

**E**ste relato apresenta um estudo comparativo realizado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), situada na Baixada Santista (SP), com metodologia narrativa de história de vida de dois indivíduos que residem no espaço. Este estudo teve como apoio bibliográfico dois livros que relatam experiências de idosos que residem em uma moradia coletiva. O objetivo é comparar e analisar as vivências nessas instituições na perspectiva dos idosos e destacar suas reais necessidades, além dos cuidados pessoais, visando formar vínculos interpessoais.

Analisar o relato das vivências dos velhos residentes em ILPI, de uma cidade da Baixada Santista (SP), fazendo interface comparativa com as obras literárias que abordam o cotidiano do morar coletivo, para compreender o sentido dessas vivências nesses espaços e a perspectiva de vida a partir da inserção neste tipo de instituição, que consistiu um grande desafio. A análise feita foi baseada no contexto vivido pelos velhos, contrapondo personagens ficcionais e reais.

Como os velhos enxergam a sua vivência dentro de uma ILPI? Qual trabalho deve ser realizado, a partir dessa perspectiva, visando garantir maior qualidade de vida para eles? Estas foram as perguntas norteadoras que nos guiaram na avaliação do serviço e a análise das suas necessidades e o sentido que as pessoas idosas encontram na vivência institucionalizada.

Buscamos refletir sobre o trabalho realizado nesse tipo de instituição a fim de analisar a qualificação do serviço prestado, quais são os seus desafios e as possibilidades para avançar na perspectiva de qualidade de vida das pessoas

que ali vivem. O tema foi escolhido devido nossa atuação na área de serviço social, com objetivo de construir uma consistente para o trabalho cotidiano.

A abordagem metodológica utilizada foi qualitativa, a partir da identificação de duas histórias de vida, que tem como contraponto a literatura sobre o tema, visando elucidar o que deve ser considerado importante em uma ILPI: os vínculos que o velho é capaz de criar e refletindo também sobre o luto e a perda, importante neste contexto.

### **Os primeiros vínculos**

As obras literárias que fundamentaram este estudo foram: “A máquina de fazer espanhóis”, de Valter Hugo Mãe e “Tentativas de fazer algo na vida”, de Hendrik Groen, das quais extraímos os personagens cujas narrativas de vivências nas instituições, são exemplos de como criar vínculos nesses espaços, e como incentiva-los e fortalecê-los.

O Sr. Silva, personagem principal do livro “*A máquina de fazer espanhóis*”, era um velho viúvo português que passou sua vida dedicado à esposa e filhos, que mostra em seu relato a dificuldade de compreensão da sua dor, da forma de tratamento, como “velhinho”, e que o faz se sentir diminuído e incapaz de sanar suas próprias necessidades.

Sua mudança para uma ILPI não foi uma decisão sua, mas sim de sua filha, a fim de não ter que se preocupar com o pai, conforme consta no relato. Nele se evidencia a falta de capacidade do velho de sentir ódio da filha por tal atitude, pois reconhece o peso que o velho tem perante a sociedade (MÃE, 2011).

Atitude diferente do Sr. Hendrik Groen, personagem de “Tentativas de fazer algo na vida” (2016), pois este se permitiu vivenciar a estadia em uma ILPI de Amsterdã, com objetivo de obter material de estudo para que o seu diário virasse um livro, atualmente considerado um best-seller.

Ele relata que possuía como objetivo descrever a experiência de um ano completo neste espaço e que destinaria ao seu amigo mais próximo o Sr. Pereira, que deveria continuar a escrever caso algo que acontecesse antes de conseguir concluir o relato do seu diário. Eles possuem muitas diferenças e semelhanças, que serão apresentadas aqui, tendo sido esta a base para a reflexão para o estudo de caso que apresentamos, buscando ressaltar a importância dos vínculos vivenciados dentro deste espaço.

Os velhos, Sr. Silva e Sr. Henk, possuem como semelhança a falta de vínculos construídos durante a sua vida, porém com suas particularidades. O Sr. Silva foi casado e dedicou a sua vida à sua família, até o momento em que seus filhos cresceram e construíram suas próprias vidas, e ele ficou viúvo. Já o Sr. Henk não conseguiu criar laços afetivos com sua família, pois sua esposa adoeceu cedo e o casal perdeu a única filha precocemente. Quando sua esposa teve que ser internada em uma instituição para receber maiores cuidados, suas visitas não eram frequentes.

Outra particularidade é a motivação para as inserções neste serviço - Sr. Henk se deu de forma espontânea e com objetivo claro de estudo sobre o espaço e a vivência, enquanto a do Sr. Silva foi decidida pela filha, o que ocasionou uma resistência na aceitação da nova moradia. O relato indica que o Sr. Silva passou seis dias calado, como reação a essa mudança, porém alguns moradores chegaram a ficar até três meses sem falar.

Esta resistência também se dá pela sua estrutura cruel de ILPI, conforme relato de ambos os personagens, pois é feita uma segregação dos velhos que são lúcidos, dos que não são, e necessitam de maiores cuidados dos setores de enfermagem, indicando que estão “mais próximos da morte”.

Segundo o Sr. Silva, a estes são destinados aos quartos mais próximos da área onde fica o cemitério, uma representação cruel que faz menção à finitude, diretamente relacionada a fragilidade e perda de desejos - um espaço mais mórbido e com menos contato com outras pessoas.

Na ILPI onde o Sr. Henk mora não é muito diferente, os velhos que não são lúcidos ficam em um setor separado e o acesso só é feito pelos funcionários. Essa falta de acesso e de convívio entre os velhos faz com que se crie no imaginário daqueles que tem lucidez uma imagem de que a morte é algo realmente desconhecida e estranha, a ser temida, realçando não apenas a fragilidade de estar velho, mas todos os receios relacionados à morte.

Sim, é preciso fazer algo com a morte. É preciso fazer algo com os mortos. Depositar flores. Falar com eles. Dizer que você os ama e que sempre os amou. É melhor dizê-lo em vida, mas se não, também pode ser depois. Gritar para o mundo. Escrever num livro como este. (MONTERO, 2019, p. 156)

Esse sentido de finitude também é realçado pelos familiares, pois tanto o Sr. Silva quanto o Sr. Henk se incomodam com a presença destes no espaço. Embora apenas o Sr. Silva receba visitas, os dois tem um pensamento muito semelhante: a ideia de que o velho é um fardo na vida da família depois que entra nestas instituições. Os relatos avaliam os mesmos aspectos de pressa dos familiares, pouco interesse na vida monótona do velho e o declínio de vezes e de tempo de cada visita conforme vai passando o tempo.

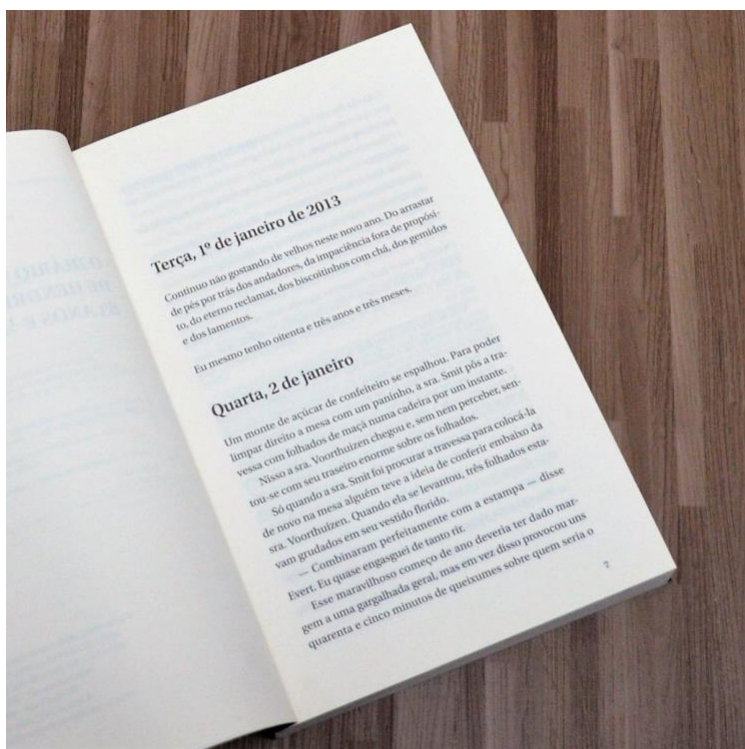
O Sr. Silva traz uma perspectiva muito interessante sobre as roupas dos familiares: com o passar do tempo a roupa vai ficando mais formal, e menor é o tempo que os familiares permanecem em companhia do idoso. Não é mais uma visita casual para uma pessoa que compartilhou tantos anos de vida na família, mas sim uma visita que pode ser cruelmente encarada como uma “obrigação social”, para a qual se deve cumprir de forma categórica e padronizada dentro de um período de tempo, pois a sociedade entende que os “filhos devem cuidar dos pais”.

Talvez o Sr. Henk não seja tão explícito nas suas considerações sobre isso, pois no seu caso, não recebe visitas, e suas visitas para a esposa, que se encontra internada, são breves e em períodos espaçados também.

A brevidade e a distância dos vínculos familiares se dão também pela visão da família, o velho se torna inútil em um espaço como esse, o que o Sr. Henk prova não ser verdade, quando se reúne com os seus amigos e cria o clube “tô-velho-mas-não-tô-morto” - grupo que se reúne com o intuito de fazer passeios, participar de workshops e mostrar toda a sua vitalidade.

No quesito amizades, ambos apresentam um contexto de poucos vínculos afetivos com amigos, anteriores à sua inserção, mas o Sr. Silva apresenta maior dificuldade em criar vínculos com novas pessoas com quem tem afinidade, enquanto o Sr. Henk nem tanto.

O clube “tô-velho-mas-não-tô-morto” é um grupo de idosos diferentes, cada um com características próprias: Eefjie, uma mulher elegante e admiradora da classe, sempre fala calma com todos; Sra. Grietje, que após o período de início do grupo começa a ficar com Alzheimer, e necessita da paciência e atenção dos seus companheiros; O Sr. Evert que devido aos seus problemas de saúde teve que amputar uma perna e recebe todo o apoio e atenção dos outros envolvidos no grupo para que permaneça participando da convivência com todos (GROEN, 2016).



O Sr. Silva, por sua vez, constrói vínculos afetivos com outros velhos de forma mais simples, através do diálogo, conhecendo pessoas extraordinárias como o Sr. Esteves, uma lenda viva e que conheceu o grande poeta português Fernando Pessoa, e foi representado e eternizado em um poema seu, considerado um ícone do espaço. Porém a instituição pensava diferente dos seus colegas, e quando o Sr. Esteves completou 100 anos, apesar da sua lucidez e sua condição de saúde estável, foi transferido para a ala de quartos que ficava de frente para o cemitério.

Ele também conheceu a Sra. Marta, uma idosa que tem um casamento com um jovem rapaz, que não vem visita-la há muitos anos, e fica sempre esperando uma carta deste para ter certeza de que está vivo e encontra-se bem, mas essa carta nunca chega. Mas, repentinamente a Sra. Marta recebe uma carta que a deixou encantada e, posteriormente, chegam outras com frequência e que, na verdade, não eram de seu marido, mas sim do Sr. Silva que sentiu a necessidade de agradá-la, de fazê-la acreditar no amor, usando disso também como forma de distração e criar algum vínculo após a morte daquele que era seu único laço afetivo.

Além de criar novas amizades, o Sr. Silva também aprendeu a conviver com as diferenças, como do Sr. Anísio, um religioso fervoroso que diminui o contato com o início do namoro dele com a Sra. Glória. Também foi capaz de quebrar preconceitos na convivência com o Sr. Pereira, que fez xixi na cama pela primeira vez, mas se consola ao dormir na mesma casa que ele, e sua morte é muito sentida por todos, principalmente pelo Sr. Silva.

Mas apesar das desavenças, dos empecilhos e diante de todos os aspectos negativos com a imagem social de velhice e do envelhecimento, uma coisa o Sr. Silva e o Sr. Henk tem em comum, eles descobriram que tudo o que se leva da vida e a única coisa que importa são os vínculos que se criam. “Ele precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia” (MÃE, 2011, pág. 132)

## **Os relatos dos protagonistas do Lar Feliz Amparo**

### **Sr. Oswaldo**

Eu me chamo Oswaldo, tenho 71 anos – não tem mais como dizer que não estou velho, pois estou sim. Sempre achei que a velhice começasse nos 70 anos e nunca deixei que o Brasil e as suas políticas ultrapassadas baseadas numa Constituição Federal que já tem quase 30 anos me diga o contrário, mas isso não é o que mais importa aqui, afinal, meu sangue nem brasileiro é e sim chileno, não que isso signifique grande coisa, pois até onde eu sei, é o país recorde de suicídio de idosos no mundo.

O que me mais me assusta em ter ficado velho, é que nunca imaginei que teria que fazer usufruto de serviços públicos de acolhimento, até porque sempre fui envolvido em causas sociais e sempre tive muito contato com todo tipo de população que estivesse em situação de vulnerabilidade social. Durante toda a minha vida tive o ofício de passar meus conhecimentos de artes para todos os meninos em situação de rua que procuravam o projeto social onde eu trabalhava e por muitas vezes levei estes meninos, tão carentes de experiência de vida, de reflexões filosóficas sobre o sentido real da vida e do que por que estamos aqui, para conhecerem o duro cenário dos idosos que vivem em Instituições de Longa Permanência para Idosos na nossa região.

Naquela época nós não tínhamos nem essa nomenclatura que parece tão pomposa, era simplesmente “asilo” ou para aliviar o peso das palavras “casa de repouso”. Os meninos sempre ficavam muito impactados com o cenário e eu sentia muita compaixão por cada um dos velhos que estavam ali. Hoje sou um deles e sinto impregnar na minha pele esse olhar de compaixão, mas principalmente de pena.

Um belo dia eu estava descuidado, havia ingerido uma quantidade de álcool um pouco acima do que estou acostumado e por isso fui atropelado por um caminhão, ele passou por cima da minha perna e fiquei três meses internado no hospital municipal da cidade.

Eu tinha 67 anos, ainda não era velho, mas já era uma pessoa necessitada de cuidados especiais. Levei algum tempo para me acostumar com todos os

aparatos que me ajudavam: muleta, andador e, o pior de todos, a cadeira de rodas. Foi muito difícil me ver tão debilitado daquele jeito, sorte a minha que eu tinha Josepha, minha empregada doméstica e amiga, durante vinte e dois anos trabalhando na minha casa. Ela esteve ao meu lado durante todo o processo, fazia visitas constantes e sempre me ofereceu toda a ajuda de que eu precisava.

Josepha e eu sempre fomos muito próximos, porém nunca tivemos nenhum envolvimento afetivo, e eu sabia que em algum momento ela teria que seguir sua vida, pois eu não mais poderia pagá-la, precisava economizar todos os meus gastos com a minha saúde e os meus novos aparatos. Sendo assim, nosso vínculo já estava sendo desfeito, pouco a pouco, através da exaustão de cuidar de um quase velho doente e debilitado que precisava de ajuda para muitas coisas.

Tentei ao máximo me virar sozinho o quanto pude e tentar pedir o mínimo de ajuda, porém um belo dia eu estava em meu apartamento, sozinho e decidi que deveria cozinhar minha própria comida para sobreviver de forma independente.

Esse seria o auge – ou deveria ser – até o dia em que deixei cair uma panela quente no chão, por estar pesada demais para que eu segurasse apenas com uma mão e a outra pudesse me apoiar no andador. Foi horrível, queimei meus pés, mesmo de tênis, e decidi que não havia mais jeito: era hora de ir para um asilo, não podia mais negar, eu não estava velho, mas já estava inútil.

### **Sra. Aurora**

Eu me chamo Aurora, sim, adoro o meu nome, pois ele significa “aquela que brilha como o ouro” e acho que mamãe foi muito feliz em me conceber com este nome, pois faz todo o sentido e eu irei explicar. Eu sou brasileira de nascença, mas me considero mais japonesa, porque foi lá onde encontrei um lugar que pudesse chamar de lar.

Hoje tenho 64 anos, mas quando era mais nova, depois de ser criada em uma fazenda no interior do estado de Minas Gerais, eu engravidei de um fazendeiro bruto que não me amava, e deixei meu filho para trás com um casal de amigos que não podiam ter filhos e fui para o Japão tentar a minha vida. Não foi fácil a vida lá, mas eu me saí muito bem, consegui um bom emprego como dançarina noturna, uma das minhas personagens favoritas que eu interpretava nos palcos era a Clara Nunes, adorava o que eu fazia.

A cultura japonesa é muito diferente do Brasil e eu sempre gosto de dizer – embora as pessoas não acreditem – que eu nunca fui prostituta, e de todos os homens com quem eu dormi não recebi nada por isso, não fiz isso como trabalho e sim por interesse, e todos os presentes que eu recebi foram voluntários, pois afinal, eu era um estouro.

Os anos lá foram difíceis, pois de dois em dois anos eu tinha de voltar ao Brasil para renovar o meu visto de trabalho, e sempre que eu voltava destinava um tempo ao meu querido e amado Joaquim, meu filho. Sempre soube que ele estava bem com Anita e Fernando, nunca tive preocupação de que ele

estivesse bem cuidado e tudo que eu estava fazendo era construir um futuro para ele, para nós dois.

Foi isso o que eu fiz por quase quatorze anos, comprei dois apartamentos no Brasil, perto da casa do casal de amigos que cuidava do Joca, comprei muitas coisas para ele e construí sua herança. Porém fiquei doente, quando ele ainda era menor de idade, eu estava no Japão e não tinha ninguém para cuidar de mim, por isso voltei ao Brasil, mas achei que seria melhor que a mãe postiga dele tomasse conta dos meus bens para que quando ele fosse maior de idade, pudesse gerenciar tudo sozinho. Mas não foi isso que ela fez.

Ela me internou em um hospital psiquiátrico, pois na época eu não sabia, mas eu possuía uma doença que é conhecida como “esquizofrenia”, fui chamada de louca, e fiquei cinco anos trancafiada no hospital. Lembro de poucas coisas daquela época, pois passava muito tempo dopada, o que eu mais me lembro são as sensações de medo, de estar fora de mim e dos arrepios.

Quando recebi alta, fui procurar meu filho para que pudéssemos desfrutar de tudo aquilo que eu havia conquistado, e pudéssemos enfim fortalecer os nossos laços, mas ele já era um jovem adulto que tinha problemas com álcool e disse que a sua mãe, a minha amiga Anita, não havia deixado nada para ele antes de falecer, continuava tudo em seu nome e tudo havia sido passado para os seus dois filhos.

Ele estava sem nada e eu também, mas o pior de tudo era a culpa que ele depositava em mim, acho que com razão. Por causa disso, tive que apelar aos serviços públicos, e passei por duas casas de passagem antes de conseguir uma vaga no asilo em que estou hoje. Eu nunca pensei que ficaria inútil quando ficasse velha, nunca pensei que precisaria ir para um asilo, mas o tempo chegou e assim tudo se sucedeu.

## **Primeiras impressões**

### **Oswaldo**

Eu tive uma primeira impressão do asilo simpática, apesar de ter uma sensação de que o tempo ali passava muito devagar, por vezes até parecia estar parado, a única coisa que fazia contar o tempo era a programação da televisão, sempre a mesma, então ela dava uma dimensão de manhã, tarde e noite e as refeições também, sempre tão esperadas.

Eu fui acompanhado por uma técnica da prefeitura, ela era psicóloga e nós vínhamos conversando bastante sobre essa possibilidade, ela disse que estaria sempre comigo para o que eu precisasse e Josepha também estava presente, tinha um semblante um pouco triste, mas no fundo eu sabia que também era um pouco de alívio que ela sentia.

Os ambientes da casa eram bem distribuídos, embora o bairro onde nós estivéssemos não fosse dos melhores, porque era um bairro muito vulnerável, com alto nível de violência e próximo das palafitas do mangue, isso me causava certa apreensão, pois como eu fazia uso de cadeiras de rodas, e sabia

que jamais conseguiria sair porta a fora para qualquer lugar sozinho, mais uma vez eu precisaria de muita ajuda para realizar atividades que antes eram tão simples para mim.

Meu maior receio era os meus companheiros de quarto, mas quando entrei, logo vi que as camas eram bem distribuídas e havia espaço para os armários, nós éramos quatro, um número um pouco além do que eu esperava, mas não estava em posição de reclamar.

Uma coisa nítida de se notar assim que eu cheguei era a falta de funcionários, dois auxiliares correndo de um lado para o outro, sempre muito estressados, cheguei a me assustar um pouco quando vi um deles gritar com um idoso pela primeira vez, fiquei com medo que eles fossem agressivos, mas me pareciam apenas cansados e eu me propus a praticar muito todos os movimentos com a cadeira de rodas e com o andador para não precisar de ajuda.

Também notei que havia técnicos de diferentes setores: serviço social, psicologia e enfermagem, mas não havia ninguém que representasse o setor de fisioterapia e saúde ocupacional, fiquei um pouco cabisbaixo, porque percebi que teria que me virar sozinho para lidar com a cadeira de rodas, mas como eu disse, diante da minha situação, tudo o que se esperava é que eu ficasse feliz com a grande oportunidade que o Estado estava me dando.

### **Aurora**

Eu tive uma impressão desconfortável quando cheguei naquele asilo, os velhos eram tão calados, era como se tivessem morrido, porém esquecido de deitar. O clima era fúnebre, como um espaço destinado a aguardar o grande dia do descanso eterno, mas o que era mais desconfortável era a solidão. Sentia em mim que ali não teria visitas, não teria rostos amigos, não teria ninguém por mim e para mim, para me ouvir reclamar, para me contar histórias e me fazer dar risada.

Pensei que talvez tivesse sorte de dividir o quarto com apenas mais uma pessoa, mas éramos quatro velhas que iriam dividir um mesmo quarto, as nossas intimidades, o nosso espaço. A primeira coisa que eu vi foi a cabeceira de uma delas onde havia um terço enrolado, suspirei e já pensei em como eu seria recebida ali.

De uma forma geral, a casa era muito aconchegante, apesar de fúnebre e o bairro não era dos melhores, mas já havia morado em lugares muito piores no Japão, mas ali seria meu último lugar, seria o lugar aonde eu iria finalmente envelhecer e morrer, como seria se não me enturmasse?

Além de tudo, os técnicos do serviço me informaram que eu não poderia sair sem um acompanhante para a rua, devido ao meu histórico de saúde, eles não confiavam que eu não era louca, essa era a regra da casa. Logo eu que passei a vida viajando sozinha, logo eu que conheço os aeroportos de São Paulo e Minas Gerais como a palma da minha mão.

Evitei pensar nisso tudo no início, para me manter ali sem enlouquecer mais uma vez, pois esse afinal era o meu maior medo, e por isso pensei em todos os



lugares ainda piores que já estive, e me esforcei para evitar pensar em todo o trabalho de uma vida perdido por falta de amizades verdadeiras, capazes de cuidar do meu único filho e não deixá-lo sozinho, evitei pensar na culpa que eu sentia por estar ali, sozinha, sem nada.

Sentei na minha nova cama sozinha e olhei novamente para o terço enrolado na cama de outra pessoa e comecei a me perguntar se neste momento não era a hora de eu me abraçar na fé, já que aquele perímetro quadrado de quarto era tudo o que me restava.

## **As dificuldades**

### **Oswaldo**

Eu sabia que encontraria muita dificuldade nos meus dias dentro do asilo, afinal, eu agora estava em um espaço coletivo, não era mais um espaço apenas meu, e por isso eu deveria lidar com diversas e inúmeras situações que fugiriam ao meu controle.

A primeira a me incomodar foi o meu companheiro de quarto, o Sr. Venâncio, um homem com pouco estudo que teve um AVC que comprometeu todo o seu lado esquerdo do corpo, além de fazer uso da cadeira, fazia uso de fraldas geriátricas, isso era algo que me incomodava muito, pois nos dias de calor, apesar de muitas vezes ele não ter feito as necessidades, o próprio suor fazia com que exalasse cheiros muito desconfortáveis e, o pior de tudo, é que ele não fazia uso correto da fralda, pois tinha o apoio do papagaio – instrumento usado para encaixar no órgão do homem para que ele possa urinar – no banheiro, ou seja, qual era o real sentido da fralda? Dizia ele que era a insegurança de não conseguir se conter até chegar no banheiro. Já logo vi que teria um longo trabalho de persuasão a fazer.

Outra dificuldade era o meu trabalho, apesar de ser velho e estar em um asilo, eu não estava morto e por isso mesmo não iria parar de trabalhar, gostava muito de trabalhar com meu pirógrafo em madeira, pois meu trabalho sempre foi de cunho religioso. Embora eu não fosse desenhar todo tipo de santo para vender em feiras religiosas e também para pessoas interessadas neste tipo de peça.

O único problema eram os horários e o espaço, não havia um espaço com uma mesa para que eu pudesse me destinar a esse trabalho na área externa, de forma que passei a usar a minha própria cama para fazer o trabalho, porém no período da manhã o pessoal da limpeza trancava o espaço dos quartos para fazer a limpeza diária, sendo assim, eu só tinha a tarde e a noite livre para trabalhar, porém à noite eu iria atrapalhar os meus colegas de quarto, sendo assim, só me restava a tarde para trabalhar, o que era um tempo reduzido, mas não havia muito que fazer a respeito, quando eu perguntei para a diretoria sobre isso, a resposta foi “são normas da casa”.

### **Aurora**

Logo na primeira noite eu conheci as minhas companheiras de quarto, aquela com o terço enrolado na cabeceira da cama era a Sra. Anastácia, mas não pensem que era uma senhora como a dos contos do Sítio do Pica-pau

Amarelo, era uma mulher muito magra que fazia uso de cadeiras de roda devido a uma queda, que fez com que quebrasse o fêmur, ocasionando sua vinda para cá.

Nossas histórias de vida eram muito diferentes, mas possuíam um mesmo fim, não tínhamos ninguém por nós a não ser o Estado para nos garantir um teto, mas apesar de sermos solitárias, a Sra. Anastácia não tinha interesse na minha companhia, eu era muito diferente dela. Ela viu as tatuagens pretas que eu possuo na perna, as duas são pintadas de preto e ela odeia preto, de tudo quanto é jeito, na cor da roupa, na comida e até na cor de pele das pessoas, qualquer cor mais escura, seja como for, ela repugna, sendo assim, apesar da minha cor de pele ser clara, ela repudiava meu corpo pelas marcas que eu carregava.

Não demorou muito para que eu ganhasse fama de prostituta no Lar Feliz Amparo, contei para duas senhoras que me pareciam mais simpáticas, mas quando tentei explicar que nunca dormi com nenhum homem por dinheiro, elas não pareceram interessadas a acreditar.

Pensei comigo que ali se vive com base nos fatos que são apresentados na televisão e essa é a única coisa mais emocionante que se pode viver ali, através de uma tela capaz de transmitir todo tipo de notícia, então de certa forma, naquele momento, a minha presença e a minha história era algo ilustre, uma novidade, algo inovador, mesmo que não fosse algo bom para se conviver, era bom para ser assunto do próximo lanche da tarde.

Os homens também ficaram interessados e não demoraram muito para me fazerem ofertas indecentes, eles me ofereciam cigarro em troca de algum afago sexual e eu sempre recusava. O mais irônico é que eu recusava, enquanto a Dona Berta aceitava, e quem tinha a fama de prostituta era eu. Vai entender, não é mesmo? Velho realmente é tudo meio louco.

## **Os vínculos**

### **Oswaldo**

Passado os dias de adaptação ao espaço, eu fui começando a conhecer as características de cada um dos idosos que convivem ali comigo. A Sra. Anastácia, uma idosa com religiosidade bem fervorosa, embora eu não acredite em Deus, respeito todo tipo de vertente religiosa, até porque sou um artista e trabalho com diversas imagens de santos católicos e se houver encomenda de outras figuras religiosas, eu também faria com prazer, mas é curioso de ver a sua aversão por coisas de cores escuras, talvez um pouco preocupante no sentido racista da coisa, mas ela é uma mulher extremamente doce, e não destrata ninguém.

Nós conversamos muito sobre costura, embora eu não entenda absolutamente nada sobre o assunto, o que me satisfaz é ouvir seu tom de voz tão apaixonado em descrever as suas técnicas de crochê e ponto-cruz, afinal, são as paixões que movem o mundo.

Às vezes converso muito e acabo por achar até cômico conversar com os idosos que já não são tão lúcidos, como é o caso do Sr. Antero, ele faz uso de cadeira de rodas e em diferentes dias ele diz que é o Rei Roberto Carlos, o ilustre cantor brasileiro considerado Rei do estilo musical MPB, onde nos presenteia com sua voz engasgada, mas com muita emoção, as músicas do cantor, em outros momentos ele acorda um pouco mais imponente e relata que é o Prefeito da cidade, mal começa o dia e já adentra o salão do refeitório cobrando impostos inimagináveis de todos.

Uma pessoa que me causa muita alegria em conversar é o Sr. Juarez, sua descendência é espanhola, por vezes falamos em espanhol de forma mais rudimentar apenas por gosto de relembrar a nossa terra natal e de onde viemos, é um homem mirrado e baixo, porém muito culto que sabe falar sobre os mais diversos autores e tem críticas construtivas sobre os problemas sociais contemporâneos.

O que me importa não é o teor da conversa e nem mesmo se vou entender o que eles falam, por vezes tento conversar com a Sra. Geralda ou o Sr. Vinicius, porém suas falas já estão comprometidas diante de um quadro de saúde mais grave e, por conta disso, não sou capaz de alcançar o sentido real das palavras enroladas que eles pronunciam, porém o que importa é ver a alegria, a empolgação ou até por vezes a tristeza em expressar seus sentimentos de forma a ser ouvido e lembrado.

É como se eles se lembrassem de que existem de verdade, apesar de serem esquecidos pelas pessoas que sempre estiveram ao redor em suas vidas, pois atualmente são rodeados de funcionários atarefados e estressados que não tem esse tempo de qualidade para cada um deles. Sorte deles ter a mim, ou talvez seja sorte a minha de ter a cada um deles.

### **Aurora**

Passaram-se três longos meses e eu mal conversava com as pessoas que conviviam no mesmo quarto que eu. Toda semana, pelo menos duas vezes na semana, eu pedia para a administração para ligar para o meu filho, porém nunca recebi nenhum retorno, nenhuma visita. A assistente social em diversos atendimentos perguntou sobre a minha família, sobre a minha irmã e minha suposta amiga, mas eu não tinha interesse em nenhum deles, eu só queria o perdão do meu filho, mas naquele momento eu sentia a dor que ele sentiu durante anos com a minha ausência, sempre me vendo de relance em momentos rápidos, apenas trazendo coisas materiais que jamais supriram a minha falta.

As poucas pessoas que se referiam a mim tinham um tom áspero, homens ou mulheres, eles não me deixavam um minuto sequer esquecer minhas escolhas da minha vida, e me aterrorizavam com essa imagem de uma mulher vulgar e sem valor, alguém que não merecia estar viva. Dia após dia eu passei a acreditar que todos eles tinham razão, afinal, eu estava sozinha em um asilo, eu havia abandonado o meu filho, eu havia dançando e me exposto nos bares do Japão para sobreviver, eu nunca fui a uma igreja, eu não acredito em Deus.

Um belo dia a profissional de psicologia veio ao meu quarto, mas pedi que ela fosse embora, ela diria que eu era louca, como todos os outros que vieram antes dela naquele horrível hospital. Mandaria me amarrar e diria que eu estava tendo alucinações, estava depressiva, falaria termos técnicos que eu não entenderia e eu novamente ficaria dopada. Eu não iria me abrir com ela, ela não deve ser confiável.

O único que não me olhava atravessado era o Sr. Oswaldo, nunca me ridicularizou e nem me ofereceu cigarro em troca de favores sexuais, mas parecia um homem muito sério e distante, uma vez o ouvi conversar com o Sr. Juarez em espanhol e fiquei espantada de como era inteligente. As vezes tenho vontade de conversar com ele, mas fico intimidada com o seu nível de cultura, tenho certeza que embora muito educado, já deve ter ouvido todo tipo de barbaridade sobre a minha pessoa.

## **O encontro**

### ***Aurora***

Eu acordei assustada de um pesadelo e ouvi que estava me chamando já fazia algum tempo, mas eu não havia escutado, estava tendo muitos pesadelos e por isso andava dormindo mal e quando pegava no sono, dormia em qualquer lugar.

Naquele dia cruzei o caminho de uma idosa que era considerada a mais agressiva do Lar, a Sra. Louise, uma mulher alta e imponente, francesa e muito fechada, tinha pouco contato com outros idosos, pois na maioria que se dirigia a qualquer um deles era para distribuir ofensas, o fatídico episódio foi causado pelo sono, pois eu estava com dificuldade de andar e usava minha mão para me apoiar na parede, a fim de me encaminhar ao banheiro e não reparei que ela passava ao meu lado, de forma que esbarrei no andador dela quando me assustei e acabei por deixá-lo cair.

Neste momento, ela olhou para mim pela primeira vez e consegui ver toda a expressão de desprezo existia desde o dia em que cheguei. Naquele momento ela despejou sobre mim todas as ofensas imagináveis sobre o meu caráter, sobre a minha vulgaridade e falou barbaridades sobre o meu passado e o meu presente que nem eram reais. Diante de tal expressão de agressividade, eu só conseguia me desculpar pela minha falha, mas nada adiantava, a mulher era puro ódio, os enfermeiros diante do tumulto vieram apartar o conflito e encaminharam a Sra. Louise para o seu quarto.

Naquele dia eu me deitei mais cedo, avisei aos enfermeiros que eu não iria tomar a sopa e nem iria jantar, tudo que eu queria era um pouco de silêncio e descanso. Quando me sentei na cama, vi a imagem da Virgem Maria na cabeceira da cama da Sra. Anastácia, eu sabia dessa nomenclatura porque era a que ela usava para orar na minha presença, apenas para ressaltar que eu não era virgem, eu não era Maria, eu não era pura, eu não era nada.

Essa sensação crescia dentro de mim dia após dia e meu coração parecia que sairia da boca de tanta angústia que eu sentia, quando peguei o meu espelho pessoal dentro da minha gaveta e comecei a me olhar.

Eu comecei a olhar as minhas rugas, cada uma delas e comecei a pensar que todas elas significavam apenas uma coisa: o tempo estava passando e não fazia mais sentido o tempo passar, não fazia mais sentido estar viva, não havia conquistado nada até aqui e não iria conquistar mais nada a partir daqui também.

Era como se eu não sentisse mais o controle das minhas mãos, elas começavam a tremer com muita força e uma voz dentro de mim me dizia para quebrar o espelho, mas estava com medo que alguém me ouvisse, tentei conter a tremedeira, mas quando fui me levantar deixei o espelho cair no chão e ele quebrou. Fiquei paralisada.

Um enfermeiro que estava de plantão ouviu o barulho e veio ao meu encontro saber o que estava acontecendo, eu rapidamente me endireitei e disse que havia me virado e esbarrado e o espelho havia caído, mas que não havia se partido muito, já havia arrumado a bagunça. Como era noite e ele logo iria tirar o seu cochilo remunerado, ele não estava muito preocupado com a sujeira que eu havia feito.

Eu não conseguia descansar, achei melhor recolher os cacos de vidro, mas quando fui segurar os pedaços de vidro, senti uma sensação estranha, era como se tivesse uma voz na minha cabeça, comecei a apertar os cacos de vidro que eu segurava e sentia certo prazer, era como se aquela dor aliviasse a dor que eu sentia dentro de mim, era como se o sangue que começava a escorrer levasse também parte das minhas angústias, comecei a apertar mais e mais forte e comecei a passar pelo pulso, aumentando a intensidade até que parei com um susto no momento em que ouvi meu nome.

Meu coração gelou ao tentar reconhecer a voz sem ter que me virar para ver o rosto, tinha medo que fosse o enfermeiro de plantão, ele me mandaria de novo para aquele hospital. Respirei fundo e tomei coragem para me virar e ver quem é que estava me chamando, se fosse o enfermeiro, eu teria que encará-lo, mas eu estava enganada, era aquele senhor, não lembrava o nome dele, pois mal nos conhecíamos.

Ele estava em silêncio e seu semblante era sério ao me olhar, ele estava usando o andador, talvez tenha sido a primeira vez, diante daquele silêncio, em que olhei para ele de verdade, pude ver seu cabelo e sua barba brancos, contrastando com sua blusa de pijama preta, pude perceber o quanto ele era alto e magro também, estava acostumado a vê-lo sempre com a cadeira de rodas.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas o som não saiu e ele voltou a fechar a boca. Eu também não sabia ao certo o que falar, a dor começou a ficar mais latente e eu sentia o sangue escorrer pelos meus braços. Ele então olhou para os meus ferimentos e saiu do quarto, voltou com um copo de acrílico cheio de água gelada e desta vez de cadeira de rodas, deixou o copo ao lado da minha cama e saiu novamente, desta vez ele voltou com uma camisa velha, porém limpa, não disse nada e novamente saiu.

Desta vez ele demorou um tempo a mais para voltar, enquanto isso eu limpava os meus ferimentos em silêncio, enquanto as minhas colegas de quarto permaneciam adormecidas. Não soube dizer o motivo, mas as lágrimas começaram a correr dos meus olhos, a dor se espalhava pelo corpo não apenas dos meus ferimentos, mas também da minha angústia que agora vinha com mais intensidade, começava a pensar na reação dos funcionários quando vissem meu braço. A psicóloga, a enfermeira, os cuidadores, todos eles diriam que eu estava louca.

O senhor gentil voltou com uma caixa de primeiros-socorros e eu fiquei perplexa em como ele havia removido tal instrumento da enfermagem sem que ninguém visse, mas ele me disse o óbvio: os cuidadores estavam dormindo, nem chegaram a notar a sua presença dentro do espaço e a retirada do material. Ele fez um curativo completo dos meus ferimentos sem dizer uma palavra sequer de repúdio, com muita firmeza e sutileza.

Naquele momento eu senti um profundo carinho por aquele homem, pelo seu respeito com o meu momento de dor e senti que deveria fazer algo capaz de retribuí-lo de alguma forma, mas tive dificuldade de pensar em algo que pudesse abarcar todo o meu sentimento de gratidão, até porque não possuo nenhum dote artístico ou de qualquer outra coisa, pensei então em começar a observá-lo, me aproximar e quem sabe descobrir algo que eu pudesse fazer por ele.

Com o passar dos dias, nós começamos a conversar na hora do café, e durante o almoço nós nos sentávamos próximos, seu dia parecia bem programado, pois durante a manhã ele escutava música com seu fone de ouvido e lia livros, e durante a tarde ele ficava em seu quarto lendo livros.

Nossas conversas eram triviais e curtas, pois era entre os intervalos de horário de almoço, mas, mesmo assim, eu aguardava ansiosos aqueles momentos em que nós iríamos nos esbarrar, porém não notava dele nada de diferente além da gentileza que era comum com todos.

## **O grande vínculo**

### ***Oswaldo***

No dia em que ouvi um estrondo no quarto da Dona Aurora e vi os seus ferimentos fiquei muito assustado, já tinha visto muitos jovens que se automutilavam diante das situações da vida, mas era a primeira vez que presenciava tal episódio em um idoso.

Aquele momento me levou a uma reflexão sobre o envelhecimento e os sofrimentos que passamos quando ficamos velhos e ninguém nota, principalmente quando estamos dentro de um asilo, e perdemos um pouco a noção do tempo, dos dias da semana e às vezes até dos meses, ficamos sabendo muitas vezes do feriado pela preparação dos funcionários com o espaço, os finais de semana são iguais aos dias da semana, só muda a movimentação do espaço.

Nesse momento pensei um pouco melhor na Dona Aurora e na sua trajetória de vida, com meu trabalho e meus livros não sobrava tanto tempo para ficar preocupado com o que estava acontecendo a minha volta e, na verdade, quando comecei a reparar, percebi o quão sutil é essa situação, o qual simples é um olhar atravessado e uma palavra dita em tom mais baixo para que ela não escute, mas com o olhar direcionado a ela, com a pura intenção de feri-la.

Com o passar dos dias, expliquei para a Dona Aurora o meu trabalho e comecei a incentivá-la a fazer o mesmo, pela falta de uma terapeuta ocupacional no espaço, nós nos viramos como podemos. Até que um belo dia, depois de quase um ano que eu estava naquele asilo, eles contrataram uma nova assistente social, ela já conseguiu reunir um grupo de pessoas que irão doar uma mesa de pebolim para o nosso asilo.

Também disse que os diretores agora estão reformando a casa e irão construir um espaço de atividades diárias, com prateleiras para expor os livros, também providenciará um jogo de dardos, mesa de carteadado, baralhos de diferentes jogos, mesa de *ping-pong*, cestas de basquete na área externa, assim como um espaço para trabalhos voltados para a geração de renda: máquina de costura; espaço com materiais de marcenaria e artesanato; pinturas em geral e uma horta suspensa do lado de fora.

Com um sorriso no rosto e bom humor ela disse que ainda não convenceu a nutricionista a fazer uma oficina de panificação, mas que isso é apenas questão de tempo.

Este projeto ainda demoraria mais um ano para ser concluído, conforme o cronograma de atividades que a assistente social montou. Sabemos que ainda falta uma terapeuta ocupacional, mas todos ficaram felizes com as perspectivas de ter coisas que poderemos fazer durante o dia.

Estive conversando com a Dona Aurora e ela me parecia um pouco mais alegre pelo nosso vínculo, apresentei alguns livros para ela dentro do seu perfil de interesse, em menos de seis meses sua leitura já havia melhorado e a assistente social havia conseguido com que ela fizesse óculos de grau sem maiores custos, sua vida tinha perspectiva de novo, quando perguntava sobre o que queria fazer, ela dizia que tinha planos de aprender yoga, meditação, aprender mais sobre o universo e quem sabe até um dia comprar um telescópio.

A Dona Anastácia dizia até que pediria ajuda para a assistente social para criar um bazar de roupas religiosas, ela iria costurar as blusas e depois pintaria o tecido e disseminaria assim o evangelho de uma forma que ela também possa ganhar dinheiro para gastar com outras coisas religiosas.

O Sr. Juarez após fazer sua cirurgia da catarata, conseguia enxergar melhor e com isso, estava muito animado para jogar *ping-pong*, fazer oficina de marcenaria e até mesmo tentar acertar o alvo do dardo.

Era nítida como a perspectiva de fazer algo novo animava a todos os idosos, eles sentiam que ainda fazia sentido viver, eles ainda poderiam ser úteis e

aprender a lidar com as limitações naturais da vida, pois afinal, eles não eram inúteis.

## **O último vínculo**

### **Aurora**

Eu acordei de manhã com o Oswaldo ao pé da minha cama em conjunto com a Sra. Anastácia, sim, nós viramos amigas. Ela tinha na mão um pequeno bolinho com uma vela, afinal, era o dia do meu aniversário de 65 anos e a partir daquele dia, eu iria receber o Benefício de Prestação Continuada (BPC), afinal eu seria uma cidadã com dignidade para receber ao menos um salário mínimo, estava feliz, apesar de tudo que eu havia vivido para estar ali.

Não havia conquistado tudo que eu queria, mas havia conquistado algo, eu tinha amigos e dessa vez eu sabia que eram de verdade, pois eu não tinha nada a lhes oferecer a não ser eu mesma, com todos os meus defeitos e imperfeições e mesmo desse meu jeito, eles estavam ali, iriam comemorar junto comigo o meu aniversário.

Além do meu aniversário, outra coisa que estava me deixando muito animada era a agitação do Lar Feliz Amparo, dali um mês nós iríamos inaugurar o nosso espaço de atividades, com um espaço externo e um espaço interno, repleto de poltronas, prateleiras, jogos, atividades, oficinas, esportes e até uma horta suspensa.

Quem diria, fazia apenas um ano que a Dona Célia havia entrado na instituição, ela era uma senhora de pouco mais de trinta anos com uma postura elegante, já havia trabalhado em outros espaços com idosos, mas estava destinada a fazer com que o nosso Lar Feliz Amparo fosse realmente mais feliz e menos fúnebre, eu mesma fiquei muito admirada com todas as mudanças que aconteceram, principalmente para mim que pensava que de nada mais valia viver.

Admito que o Sr. Oswaldo também merece os créditos por essa conquista e por todo o apoio que ele me deu, eu andava preocupada com ele, pois sempre fumou muito e fazia dois meses que ele estava fazendo um novo tratamento do seu câncer de pulmão. Até aquele momento, eu nem imaginava que tinha essa doença, ele sempre foi muito discreto e acho que a forma como nos aproximamos depois do acidente do espelho fez com que ele ficasse receoso de me contar notícias muito drásticas, mas vinha sempre preocupada com o tanto que ele continuava a fumar, mas ele sempre dizia que de nada mais valia lutar por uma vida que estava chegando ao fim, de qualquer forma, o melhor era aproveitar o que lhe restava.

O mês se passou e nós fizemos a festa de inauguração do Lar, recheada de balões de gás e pessoas que parecem importantes na região apertando a mão da assistente social e dos membros da diretoria. Todos estavam muito animados e os idosos se reuniam em volta dos dardos enquanto espremiavam os olhos para enxergar o alvo, outros se aglomeravam na mesa de sinuca e após fazer uma tacada, sorriam com ao colocar a mão na bacia e sentir que exageraram nos movimentos.



Talvez o que eu tenha notado de mais interessante naquele momento é que nós começamos a nos olhar de verdade, com interesse de conhecer essas pessoas estranhas que dividem o mesmo espaço que nós, de quem não sabemos nada sobre sua história, sua vida ou qualquer característica sua.

A assistente social, Dona Cícera, parecia muito agitada e nervosa com o evento e eu fui andando até ela e a abracei, não sei ao certo o que me deu para fazer isso e nem o motivo, fazia anos que eu não abraçava ninguém, não lembrava mais como era essa sensação de sentir o corpo de outra pessoa contra o meu, mas pude sentir seus músculos relaxaram em contato com o meu corpo e pude ver o quanto seu rosto se irradiou com este simples contato. Pensei comigo “estávamos todos juntos, mas estávamos carentes de estarmos conectados. A nossa falta era de gente”.

O Sr. Oswaldo estava radiante ao reencontrar diretores e parceiros de projetos que este já havia participado, muitas pessoas que lamentaram por ele estar ali, mas ele, com um sorriso no rosto, dizia que todos os dias aprendia algo novo naquele espaço, todos os dias sentia que estava superando o envelhecimento e todos riram, talvez sem entender bem o que ele realmente queria dizer, eu pensei.

Talvez se eu soubesse que aquele seria o último dia que eu o veria tão irradiante, eu teria aproveitado mais, mas essa sou eu, não sei dizer o que sinto, sempre fui solitária e não perdi um minuto sequer para dizer ao Oswaldo o bem que ele fez em minha vida.

Em apenas um mês, o seu tratamento parou de demonstrar efeitos positivos e seu corpo começou a neutralizar as defesas contra o câncer, ele não resistiu mais, não queria resistir mais, pois sabia que não lhe valia de nada insistir no que já estava pronto para ser encerrado. Dois meses depois da inauguração nós recebemos a notícia de que ele havia falecido e meu coração se despedaçou em mil pedaços, como era doída a dor da perda, pensei na última vez que tinha me sentido assim, talvez quando meu filho parou de vir me visitar?

Não. Acho que foi quando perdi meu pai, há mais de vinte anos, fazia tanto tempo que eu não sabia mais o que era ter carinho, o que era ter pessoas queridas por perto. A assistente social organizou o transporte para que todos que tivessem interesse pudessem participar do seu enterro, talvez seja fúnebre pensar no aspecto de enterro, mas no momento de dor nós nos apegamos às migalhas, aos resquícios de lembranças que nos sobram e ficamos com a saudade que arde no peito.

Quando nós chegamos ao velório, a maior parte dos idosos do Lar Feliz Amparo estava lá, e Dona Cícera a nos pediu licença para nos relatar que o Sr. Oswaldo havia deixado uma diretiva antecipada de vontade que ele escreveu quando decidiu encerrar a quimioterapia e pediu que ela lesse no dia de seu velório.

*Caros amigos aqui presentes, não percam um minuto do seu tempo com lágrimas pela minha perda, o tempo é curto e vocês conquistaram algo que ninguém mais irá tirar de vocês: a expectativa de um novo dia! Agora vocês sabem que todo dia vale a pena ser vivido e todos os dias vocês podem criar planos, sejam curtos, médios ou longos. Se vocês querem me fazer uma homenagem neste dia e respeitar a minha diretiva antecipada de vontade, façam-me um favor, escrevam em um papel que a assistente social trouxe com ela e usem a caneta que ela irá emprestar pra vocês para escreverem um desejo ainda vivo dentro de vocês, seja para amanhã ou daqui a um ano, mas escrevam e saiam daqui pensando neste papel e não na minha perda, pois a vida de vocês continua e a minha também. Desejo a todos vocês uma vida da forma como vocês desejarem viver.*

*Com muito amor,  
Oswaldo*

Dona Cícera terminou de ler a carta com uma lágrima no olho esquerdo, e eu sabia que os profissionais dessa área têm que ser muito contidos e não podem se envolver emocionalmente no seu trabalho, mas quando ela terminou de ler, eu mesma estava chorando.

Mais uma vez me perguntei há quantos anos eu não chorava, há quanto tempo eu não me permitia chorar de saudade, por amar alguém, naquele momento, apenas limpei minhas lágrimas e peguei o papel e a caneta que me foram entregues e comecei a pensar em qual seria o meu plano futuro agora, o que eu iria querer conquistar.

Escrevi uma frase curta no papel e sorri, já havia pensado, mas não posso contar aqui, é algo muito pessoal e eu acredito que alegria só se compartilha depois de alcançada. Mas, quem sabe, quando eu conseguir realizar, eu não escreva outro relato nosso, desta vez sem o Oswaldo, mas com a participação de outros tantos velhos, porque naquele período em que estivemos ali, percebemos uma coisa: somos velhos e não inúteis e mesmo que não tenhamos nada, temos uns aos outros e o vínculo que nós construímos. E no final, é isso o que realmente importa.

## **Referências**

- GROEN, H. *Tentativas de fazer algo na vida*. São Paulo: Planeta, 2016.  
MÃE, V.H. *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.  
MONTERO, R. *A ridícula ideia de nunca mais te ver*. São Paulo: Todavia, 2019.

*Data de recebimento: 15/11/2019; Data de aceite: 15/12/2019*

---

**Thaís Teixeira Carvalho** - Graduada em Serviço Social. Pós-graduação em Projetos Sociais e Políticas Públicas. Atualmente trabalha em uma ILPI, o Lar de Amparo ao Idoso, e em um serviço de acolhimento - o Educandário Anália Franco. Texto escrito para o curso Fragilidades na Velhice: Gerontologia social e atendimento, promovido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no segundo semestre de 2019. E-mail: [thaist.p@hotmail.com](mailto:thaist.p@hotmail.com)